

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de São Paulo Class.: 90

Data: 27.01.85 Pg.: _____

Padre viajou mesmo como um "fotógrafo"

BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO

O padre francês Aristides Camio passou mesmo por fotógrafo de um jornal para embarcar em avião da Funai e ir até Tocantinópolis, em Goiás, região em que se registra clima de tensão em decorrência do conflito pela posse de terras entre os índios apinajés e brancos. Um dia depois de o presidente da Funai, Nelson Marabuto, ter afirmado que o padre Camio viajou como fotógrafo da *Folha de S. Paulo*, as jornalistas Memélia Moreira e Sandra Moreira — que viajaram com ele — confirmaram ontem as condições em que houve o embarque, porém garantindo que o padre não promoveu qualquer tipo de agitação no Norte de Goiás.

Segundo informações da Funai, o padre Aristides Camio, tanto no embarque, em Brasília, na terça-feira, como na área indígena apinajé, onde pernitoitou, não apresentou nenhuma documentação com o nome falso que constava na relação da Funai, de André Vidon. Tanto no avião da Fundação, como em outros de órgãos federais, em Brasília, a listagem costuma ser conferida no embarque, mas sem a exigência de apresentação de nenhum documento de identificação, principalmente quando se trata de um jornalista.

Na Funai, os indigenistas não estão vinculando a ida do padre à área apinajé a qualquer tipo de manipulação dos índios ou posseiros da área. Um dos assessores de Marabuto disse que a jornalista Memélia Moreira avaliou mal o clima de tensão reinante na área quando decidiu convidar o padre para a viagem.

O presidente da Funai, Nelson Marabuto, havia informado, sexta-feira, que o padre francês havia sido identificado ainda na escala feita pelo avião da Funai, no qual viajavam também as jornalistas Memélia Moreira e Sandra Carvalho, e que, a partir daí, foi seguido pelos órgãos de informação. Marabuto afirmou, ainda, que havia recebido informações de que Camio chegou a Tocantinópolis falando que os índios poderiam atacar a cidade, o que acentuara o clima de tensão e se constituiu no motivo para sua detenção.

Não houve tempo para isso, segundo as jornalistas, pois elas e o padre haviam chegado já à noite, no posto indígena São José, onde pernitoitaram, seguindo logo na manhã seguinte a Tocantinópolis, dirigindo-se imediatamente à prefeitura local. Como não encontraram o prefeito, decidiram almoçar. Antes que tivessem contato com qualquer pessoa de Tocantinópolis, o padre foi abordado pelo delegado Lima, que lhe exigiu identificação.

A informação dada pelo presidente da Funai era de que Camio não dispunha de documentos, o que é negado pelas jornalistas. Camio apresentou sua carteira de identidade, quando lhe foi exigida pelo policial "a carteira de padre". Foi preciso que o bispo local, Dom Hilário Pinheiro, explicasse ao policial que não há necessidade de padres terem uma identidade específica.